

ISSN 2596-1196



ILLUMINARE

REVISTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

v. 8, n. 2, jul./dez., 2025



A FÉ CRISTÃ EM CRISE: O DESAFIO DE CRER SUPERANDO O RELATIVISMO PRÁTICO⁴

CHRISTIAN FAITH IN CRISIS:
THE CHALLENGE OF BELIEVING WHILE OVERCOMING
PRACTICAL RELATIVISM

Joaquim Jocélio de Sousa Costa⁵

RESUMO: O presente texto aborda a crise da fé cristã a partir de uma perspectiva não muito usual. Quando se fala em crise de fé, geralmente ela é tomada como diminuição de fiéis, perda do senso religioso ou dúvidas quanto a verdades dogmáticas. Em um primeiro momento, o texto trata tal crise como a não vivência do Evangelho de Jesus, ou seja, a incoerência entre o que se professa e o que se vive. Em seguida, problematiza a questão a partir da expressão "relativismo prático" criada pelo Papa Francisco para apresentar o problema da falta de um autêntico testemunho cristão. Por fim, como caminho para enfrentar essa crise de fé, o texto apresenta a espiritualidade como seguimento de Jesus. Pois só buscando assemelhar-se ao Mestre na força do Espírito é possível viver a fé, amando como ele amou, vivendo como ele viveu.

Palavras-chave: Fé. Crise. Relativismo prático. Espiritualidade. Seguimento de Jesus.

ABSTRACT: This text addresses the crisis of Christian faith from a rather unusual perspective. When we speak of a crisis of faith, it is usually understood as a decrease in the number of believers, a loss of religious sense, or doubts about dogmatic truths. Initially, the text treats this crisis as the failure to live the Gospel of Jesus, that is, the inconsistency between what is professed and what is lived. It then problematizes the issue using the expression "practical relativism," coined by pope Francis to present the problem of the lack of authentic christian witness. Finally, as a way to confront this crisis of faith, the text presents spirituality as following Jesus. For only by seeking to resemble the Master in the power

22

⁴ Recebido em: 12.11.2025. Aceito em: 16.12.2025.

⁵ Graduado em Filosofia e em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF). Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte-CE. E-mail: joaquimjocelio@gmail.com

of the Spirit is it possible to live the faith, loving as he loved, living as he lived.

Keywords: Faith. Crisis. Practical relativism. Spirituality. Following Jesus.

INTRODUÇÃO

O tema não é novo quanto ao título. Há muito tempo que se fala em crise do cristianismo ou crise da fé cristã. Tal assunto, volta e meia, reaparece nos noticiários; sobretudo quando é divulgado algum novo censo com dados sobre a religião. A preocupação de certos grupos religiosos acaba se voltando para o que chamam de secularização, perda do sentido religioso e desvalorização das contribuições do cristianismo. Mas será que nisso consiste a crise religiosa atual? Será que sua raiz não é bem mais profunda e antiga?

Nosso texto procura justamente tomar outra abordagem na reflexão sobre a crise de fé. Assim, em um primeiro momento, nosso texto desenvolverá essa reflexão sobre o que consiste a crise da fé cristã, tomando-a não no sentido de questionamentos a costumes e verdades tradicionais ou diminuição da quantidade de fiéis, mas no fato de não se viver como Jesus. Em um segundo momento, abordaremos o desafio do relativismo prático, expressão usada pelo Papa Francisco para tratar dessa separação ou contradição entre aquilo que se diz crer e a vida concreta do crente. Por fim, apresentemos um caminho de superação dessa crise que é assumir de modo consequente a espiritualidade cristã, isto é, o seguimento a Jesus Cristo.

23

EM QUE CONSISTE A CRISE DA FÉ CRISTÃ

Geralmente, a crise da fé é tomada no sentido de perda do senso religioso, diminuição do número de fiéis nas celebrações, questionamentos de verdades e práticas tradicionais ou situações mais radicais como fechamentos de templos por falta de fiéis. Tal situação é chamada também de secularismo ou secularização. Isso varia muito de acordo com a região do mundo analisada. Por exemplo, na Europa, vemos uma grande queda no número de fiéis, templos virando bibliotecas ou algo assim, devido a pouca participação do povo e falta de condições para a manutenção. Desde o iluminismo, o confronto da

modernidade com tantos ditames e estruturas da Igreja trouxe, principalmente para tal continente, muitos questionamentos a costumes e tradições e consequente perda de fiéis.

Na América Latina, por sua vez, vemos o contrário. Salvo poucas exceções, as celebrações são sempre cheias de fiéis, as festas de padroeiro são momentos de juntar multidões inimagináveis. Vemos shows religiosos, católicas e evangélicos, com presença de centenas de milhares de pessoas. As mídias religiosas são seguidas por milhares de fiéis. Inclusive, tais mídias tem hoje um poder de formar as consciências muito maior que qualquer padre, bispo ou pastor local. E apesar de haver sim questionamentos a costumes e tradições, no geral, a religiosidade é mais conservadora que progressista. As pregações são cada vez mais voltadas, inclusive, para retomar práticas antigas (disciplinas rígidas, missa em latim, véu das mulheres, vestes medievais, sacrifícios etc.), em vez de avançar com as presentes. Assim, poderíamos pressupor que não há crise de fé na América Latina? Ou mesmo em regiões do mundo onde o cristianismo cresce numericamente cada vez mais? A resposta é NÃO. Pois a compreensão sobre a crise de fé que apresentamos aqui não está ligada a esses critérios tradicionais acima apresentados.

Pretendemos mostrar que a fé cristã está sim em crise, mas tal crise não é coisa apenas do nosso tempo ou dos últimos anos, pois sempre esteve presente na história da Igreja. Ela consiste não no questionamento a costumes e normas ou diminuição de fiéis, mas na ausência de uma vida vivida segundo o Evangelho de Jesus. A verdadeira crise cristã é não vivermos segundo o Cristo. É termos mentalidades, sentimentos, atitudes, organizações, estruturas tão avessas ao jeito de Jesus, ao seu projeto de Reino de Deus. Tal crise toca, portanto, a própria compreensão do que seja a fé, isto é, não mera adesão a doutrinas, mas vivência do Evangelho, configuração da vida a Jesus, viver como ele viveu. Assim, não vivemos uma autêntica espiritualidade cristã, se não vivemos como Cristo. Os bispos latino-americanos reunidos na Conferência de Puebla expressaram isso ao afirmar que:

[...] as situações de injustiça e de pobreza extrema são um sinal acusador de que a fé não teve a força necessária para penetrar os critérios e as decisões dos setores responsáveis da liderança

ideológica e da organização da convivência social e econômica de nossos povos. Em povos de arraigada fé cristã impuseram-se estruturas geradoras de injustiça (DP 437).

Expressão de tal crise é o censo da religião no Brasil realizado pelo IBGE em 2022 e divulgado em 2025. Este senso demonstra uma crise de fé, mas pode ser visto de diferentes perspectivas. Por exemplo, em 2010, o número de católicos correspondia a 65,1% da população brasileira; já em 2022, esse número caiu para 56,7%. Já os evangélicos eram 21,6% em 2010; em 2022, o número subiu para 26,9%. Também subiu o número de pessoas sem religião; eram 7,9% em 2010 e passou a 9,3% em 2022 (Cf. Loschi, 2025). Uma forma de ver essa crise é observar que muitos católicos lamentam a diminuição do número de membros da Igreja, assim como católicos e evangélicos demonstram preocupação com o crescimento das pessoas que se declaram sem religião. Contudo, se formos coerentes com o Evangelho, a crise de fé expressa por esses números não está na queda numérica de uma Igreja ou no crescimento dos que não tem religião. A crise é percebida quando somamos o número de católicos e evangélicos e percebemos essa grande contradição: 83,6% da população brasileira se diz seguidora de Jesus e, ao mesmo tempo, vivemos num país tão injusto, desigual, violento, preconceituoso. Que fé é essa que não tem efeito concreto no fazer a vida? Pode ser considerado cristão um país que, apesar dos números de religiosidade, é tão avesso ao projeto de Jesus, ao que ele sonhou e ensinou?

Aqui está, fundamentalmente, a crise da qual precisamos tomar consciência. Isso, contudo, é muito difícil, pois a leitura desses dados, por exemplo, é sempre vista do primeiro viés apresentado. Pois fé é confundida com multidões reunidas em nome de Deus ou então é tomada no sentido de conteúdos ou verdades a serem assumidas. Assim, crer é entendido como assumir doutrinas. “Mas a fé não é uma simples formulação doutrinal, dogmática. Não se restringe nem se entende prioritariamente como adesão às verdades reveladas. Ela é a práxis do cristão no conjunto de toda a sua vida”; por isso, a fé “envolve espiritualidade, liturgia, prática pastoral, luta pela justiça, compromissos sociais, vida moral etc.” (Libanio, 2004, p. 13).

Há uma distinção escolástica sobre dois aspectos fundamentais da fé que vale a pena ser retomada para esclarecer mais ainda a

questão. Falava-se, usando expressões latinas, em *fides qua* e *fides quae* (Libanio, 2004, p. 155-156). A primeira é o ato de crer e vem antes de qualquer coisa. Isto é, a fé é antes de tudo uma atitude de adesão a Deus, não absorção de conteúdos. É um fazer a vida segundo Deus. “O verbo ‘creio’ poderia ser interpretado no sentido de ‘eu me entrego a... confirmo’”. Por isso, “no sentido de profissão e em sua origem, a fé não se confunde com uma recitação de doutrinas ou com a aceitação de teorias sobre coisas das quais, em princípio, nada se sabe e, por isso mesmo, se insiste muito em afirmar algo”. Desse modo, “ela significa um movimento da existência humana como um todo” (Ratzinger, 2006, p. 65). Precisamos assumir que “o cristianismo não é um sistema de conhecimentos e sim um caminho”; de modo que “a fé cristã não é uma ideia, ela é vida; ela não é um espírito que existe para si mesmo, ela é encarnação, é espírito no corpo da história e do nós que está implícito nela” (Ratzinger, 2006, p. 73).

A *fides quae*, por sua vez, traz outro momento ou aspecto da fé, ou seja, seus conteúdos fundamentais. Então sim, ela também consiste em acolher as verdades da revelação. Mas antes de tudo, ela é atitude. Abraçar verdades de fé é algo posterior. A fé não pode jamais ser reduzida a doutrina, embora também não prescinda da mesma. Por isso, a pior crise de fé não é a dúvida quanto aos conteúdos ou verdades ensinados, mas antes de tudo a não vivência dessa adesão a Deus e ao seu projeto, isto é, a rejeição prática ao Evangelho de Jesus.

26

No que diz respeito à fé cristã, é preciso começar reconhecendo e confessando que a indiferença (mais prática do que teórica!) dos cristãos e suas comunidades diante da miséria, da exploração e do sofrimento de tanta gente é o sinal mais claro e evidente de sua falta de fé, de sua incredulidade... Não há secularismo ou ateísmo pior que esse (Aquino Júnior, 2017, p. 48).

O DESAFIO DO RELATIVISMO PRÁTICO

Para certos setores na Igreja, a grande crise de fé em nossos dias é causada pelo relativismo doutrinal, isto é, o questionamento ou dúvidas quanto a verdades fundamentais da fé. Apesar de ser preocupante, o Papa Francisco lembrou que esse não é o problema principal. Primeiro, porque muito do que se diz ser um relativismo das verdades fundamentais não condiz com a realidade, ou seja, o que se

relativiza são costumes ou práticas que não estão ligadas a grande Tradição da Igreja e, portanto, não tocam ao essencial da fé. Segundo, porque, como enfatizado antes, o problema maior é a não vivência do Evangelho de Jesus. Nossas vidas, pensamentos, palavras, atitudes, visões de mundo são bem pouco marcadas pelo jeito de Jesus de Nazaré. Tanto que, com muito constrangimento, poderíamos ouvir de irmãos e irmãs de outras religiões questionamentos como: “vocês são mesmo seguidores e seguidoras de Jesus?”.

O Papa Francisco, em sua exortação sobre o anúncio do Evangelho, nos provocou neste sentido ao afirmar que, nos diversos agentes de pastoral e servidores da Igreja, “independentemente do estilo espiritual ou da linha de pensamento que possam ter, desenvolve-se um relativismo ainda mais perigoso que o doutrinal. Tem a ver com as opções mais profundas e sinceras que determinam uma forma de vida concreta” (EG 80). O papa afirma que “este relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem” (EG 80). Isto é, trata-se de viver como se a fé que professa não tivesse implicação nenhuma na vida. Diz crer em Deus, mas age como se Ele não existisse; professa a opção pelos pobres, mas não socorre os sofredores nem se empenham em suas lutas; prega o Evangelho, mas não testemunha com sua vida, agindo como se não existissem aqueles que ainda não acolheram o anúncio da Boa Nova.

Francisco, inclusive, falou da sua surpresa, porque “até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinais e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se aseguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana” (EG 80). Assim, a fé vai sendo entendida como algo a ser propagado e não algo a ser assumido na vida, pois não importa tanto o correto modo de viver a fé (ortopraxia – a atitude de fé), o importante é pregar a fé correta (ortodoxia – os conteúdos da fé). Isso não está de acordo com o Evangelho de Jesus. “Nem todo aquele que me diz: ‘Senhor! Senhor!’ entrará no Reino dos Céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7,21). “Minha mãe e meus irmãos são os que escutam a Palavra de Deus e a põe em prática” (Lc 8,21), ou seja, “aquele que fizer a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse é meu irmão, irmã e mãe” (Mt 12,50).

A participação no Reino depende, fundamentalmente, de nossas atitudes. Por isso, nos questionava o Papa Francisco: “Quais serão as perguntas que o Senhor nos fará naquele dia: ‘Foste à Missa? Fizeste uma boa catequese?’”. Não, as perguntas são acerca dos pobres, porque a pobreza está no centro do Evangelho” (Francisco, 2015). Além disso, os Evangelhos testemunham que até os espíritos maus tinham informações corretas sobre Jesus, sabiam quem ele era. Mas isso não basta: “o que há entre nós e ti, Jesus nazareno? Viste para nos destruir? Sei quem tu és: o Santo de Deus” (Mc 1,24; Cf. Lc 4,34); “que há entre nós e ti, Filho de Deus? vieste aqui para nos atormentar antes do tempo?” (Mt 8,29).

O testemunho de Jesus nos Evangelhos e das primeiras comunidades cristãs nos ajudam a entender que “o cristianismo está feito principalmente para ser praticado e, se é também objeto de reflexão, isso só tem valor quando nos ajuda a viver o Evangelho na vida diária” (GE 109). Contudo, como veremos mais a frente, por força sobretudo do pensamento gnóstico, caímos muitas vezes numa compreensão distorcida da fé que a reduz a teoria, a conhecimento e não a vivência concreta do que Jesus disse e fez. Contudo, crer significa, antes de tudo, viver. E para o cristão, “o viver é Cristo” (Fl 1,21).

“Um discípulo não é superior ao mestre; mas todo aquele plenamente preparado será como seu mestre” (Lc 6,40). Quem se diz seguidor de Jesus, quem se diz ser seu discípulo, sua discípula, deve buscar ser como o Mestre, amar como ele amou, viver como ele viveu. “Aquele que diz que permanece nele deve caminhar como ele caminhou” (1Jo 2,6). Nisso consiste a fé, em viver segundo o Evangelho, buscar configurar sua vida a vida de Jesus. Significa renovar a mentalidade para pensarmos como Jesus (Cf. Rm 12,2); significa sentir como Jesus sentia (Cf. Fl 2,5). Ver o mundo como ele via. Critica-se o secularismo como o grande culpado da crise de fé. Muitos o entendem como a perda do senso religioso ou mesmo busca de tornar irrelevante a religião. O Papa Francisco fez uma importante distinção entre secularização e secularismo. Para ele, a primeira é uma coisa boa, pois oferece uma autonomia das diversas realidades do mundo em relação à religião. Não podemos querer que tudo seja controlado e ditado pela Igreja. Por isso, Francisco alerta para o risco de uma crítica equivocada, “como se, por trás da crítica da secularização, houvesse da nossa parte a nostalgia dum mundo sacralizado, duma sociedade doutros tempos

onde a Igreja e os seus ministros tinham mais poder e relevância social. E esta é uma perspectiva errada". Por isso, lembra que "o problema da secularização, para nós cristãos, não deve ser o da menor relevância social da Igreja ou da perda de riquezas materiais e privilégios; antes", afirma o papa, "aquele pede-nos para refletir sobre as mudanças da sociedade, que influíram sobre o modo como as pessoas pensam e organizam a vida" (Francisco, 2022).

Assim, o verdadeiro sinal negativo da secularização em nossas vidas é o fato de passarmos a viver de maneira cada vez menos cristã, de pensarmos e organizarmos a vida de modo tão diferente do jeito que Jesus fazia. Trata-se de uma verdadeira ignorância do que seja a fé em primeiro lugar: vida antes que doutrina. Desviamo-nos do que seja de fato a nossa missão evangelizadora. Não é lotar templos ou shows religiosos, nem o crescimento institucional. Como bem esclareceu o papa Paulo VI, evangelizar é atingir e modificar através do Evangelho "os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação" (EN 19). A Carta de Tiago nos provoca nesse sentido: "Mostra-me, então, tua fé sem obras, que eu, por minhas obras, te mostrarei minha fé" (Tg 2,18). Assim, é pela vida, pelas obras que se mostra verdadeiramente a fé. Pois, como ensina Paulo na mesma perspectiva, "em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão significam algo, mas sim a fé efetivada no amor" (Gl 5,6). Ainda que façamos as coisas mais extraordinárias, sem amor, nada seremos (Cf. 1Cor 13,1-3).

O Brasil, e mesmo a América Latina, são territórios muito religiosos, com profundas tradições e uma forte piedade popular. Mas ao mesmo tempo, muito injusto, desigual, cheio de preconceitos e conflitos. Somos um continente religioso, mas não cristão. Pois a religiosidade aqui presente, como nos outros lugares do mundo, ainda não expressa autenticamente a fé em Jesus: amar como ele amou.

Nosso jeito de ver o mundo, de tratar as pessoas, de realizar os negócios tem pouco do jeito de Jesus. O Mestre quis tirar os fardos pesados do seu povo tão explorado (Cf. Mt 11,28-30), disse que não era possível servir ao Pai e às riquezas (Cf. Lc 16,13), mostrou com a parábola dos trabalhadores da última hora que a justiça de Deus não segue a lógica meritocrática, pois cada um recebe o que precisa, não que

supostamente merece (Cf. Mt 20,1-16). Nós rezamos, celebramos, pregamos, mas tantas vezes colocamos o lucro acima de tudo; pensamos a vida eclesial a partir de eventos e arrecadações em vez de a pensarmos a partir do Reino; achamos que é justo que alguns recebam mais do que outros; defendemos a meritocracia; não nos preocupamos com salários justos, boas condições de trabalho, direitos sociais. Nesse sentido, o papa Leão XIV já alertou, inclusive, que a “atenção espiritual aos pobres é posta em causa por certos preconceitos, mesmo por parte de cristãos, porque nos sentimos mais à vontade sem os pobres”; além disso, “há quem continue a dizer: ‘O nosso dever é rezar e ensinar a verdadeira doutrina’... É fácil perceber a mundanidade que se esconde por trás destas opiniões” (DT 114).

Jesus acolheu as pessoas mais excluídas e discriminadas em seu tempo: publicanos (Mt 9,9-13); samaritanos (Cf. Jo 4,1-42); tocou leprosos ficando impuro com eles (Cf. Mc 1,40-45); elogiou a fé de pagãos como a mulher cananeia (Cf. Mt 15,21-28) e o centurião romano (Cf. Lc 7,1-10); acolheu a mulher conhecida como “pecadora”, possivelmente vinda da prostituição (Cf. Lc 7,36-50); defendeu a mulher pega em adultério (Cf. Jo 8,1-11), escolheu até um zelota como discípulo, alguém que hoje facilmente seria chamado de “terrorista” (Cf. Lc 6,15). Jesus sentia compaixão da multidão faminta (Cf. Mt 14,14), do povo que era como ovelhas sem pastor (Cf. Mt 9,36), chorou por Jerusalém (Cf. Lc 19,41-44), ou seja, era alguém que sentia a dor do povo, seus sentimentos eram de empatia e compaixão. Nossos sentimentos, tantas vezes, são movidos por impulsos, ambições, pouco da compaixão que a fé exige: apesar de nos julgarmos muito religiosos, excluímos quem pensa diferente, temos vários preconceitos contra mulheres, pessoas negras, LGBTs, indígenas, presidiários, pessoas com deficiência, membros de outras Igrejas e religiões (especialmente de matriz africana). Nossa religiosidade pouco nos leva a sentir a dor dos outros, a ponto de ficarmos revoltados com a quebra de uma norma litúrgica e não com um irmão insultado e oprimido.

Jesus era muito inteligente, mas colocava todo o seu saber a serviço da construção do Reino de Deus, para que se cumprisse a vontade do Pai. Tanto que louvou o Pai por esconder os mistérios do Reino aos sábios e entendidos e os revelar aos pequeninos (Cf. Mt 11,25-26). Criticou as autoridades religiosas que se faziam detentoras do conhecimento, mas nem entravam no Reino nem deixavam ninguém

entrar (Cf. Lc 11,52; Mt 23,13). Sua sabedoria, desde criança, impressionava, pois era diferente da de todos (Cf. Lc 2,47); ele ensinava com a autoridade que vinha do Pai e do testemunho de sua vida (Cf. Mc 1,22). Contudo, nosso modo de pensar ainda é pouco cristão, pois costumamos usar o conhecimento para dominar e passar na frente dos outros, muito diferente do que fez Jesus. Temos dificuldade em aceitar que a sabedoria de Deus vem dos pequenos, vem a partir dos últimos, pois como defendeu Paulo: “Deus escolheu o que para o mundo é loucura para envergonhar os sábios; Deus escolheu o que para o mundo é fraco para envergonhar os fortes” (1Cor 1,27).

Tais reflexões não são para desesperarmos, para acharmos que não vale a pena então buscar ser cristão. Trata-se de uma provocação que visa nos despertar para a verdadeira religiosidade, a verdadeira vivência da fé. Vivência esta que já acontece em várias comunidades onde a fraternidade é mais valorizada que espaços de poder, onde a liturgia é celebração dos mistérios de Cristo na vida do povo e não rituais frios, onde a Palavra anunciada não se reduz a doutrina, mas é autêntico anúncio da Boa Nova. Contudo, sabemos que os desafios ainda são grandes. Só conhecendo a doença, podemos realizar o tratamento correto. Só admitindo nossa crise de fé, podemos ir aos poucos superando-a, conscientes de que nunca estaremos totalmente prontos, nunca seremos plenamente fiéis. Cabe a nós o esforço diário de conversão ao jeito amoroso de Jesus.

31

ASSUMINDO A ESPIRITUALIDADE COMO SEGUIMENTO DE JESUS

A espiritualidade é muito mal compreendida na Igreja. Há perigosas distorções que perduram ao longo dos anos. Desde muito cedo, com o profundo diálogo do cristianismo com a filosofia grega e sua forte perspectiva dualista, apareceu como grande desafio para a fé a vivência de uma religiosidade fiel ao princípio da encarnação. Isso porque muitos grupos começaram a assumir uma posição de desprezo a tudo que fosse material e mesmo identificar espiritual com o que se separa da matéria ou das ocupações comuns do dia a dia. Tais ideias foram muito defendidas pelo gnosticismo, uma corrente filosófica e religiosa que defendia a salvação apenas por meio de um conhecimento secreto concedido a poucos e do afastamento de tudo que fosse material, pois a matéria era considerada má.

Embora, no tempo do Novo Testamento, o gnosticismo não estivesse ainda propriamente desenvolvido, muitas de suas ideias já estavam germinando na comunidade cristã, por isso textos como a Primeira Carta de João já combatiam tais ideias fazendo alertas como este: “todo espírito que confessa Jesus Cristo vindo na carne é de Deus” (1Jo 4,2). Além disso, se afirma que o verdadeiro conhecimento de Deus não vem da teoria, mas da prática do amor: “Quem não ama não conheceu a Deus, porque Deus é amor” (1Jo 4,8). A carne era vista como má, por isso, alguns negavam a realidade da encarnação. Certos grupos chegavam a dizer que Jesus tinha apenas aparência humana, mas não era homem realmente.

Na luta contra as ideias do gnosticismo, se destaca a obra de Santo Irineu de Lyon *Contra as heresias*. Nela, além de expor o pensamento de diversas correntes gnósticas, Santo Irineu rebate suas ideias, defende que toda a criação é boa porque é obra do único Deus salvador e que Jesus realmente veio na carne e recapitulará tudo. “A carne não é, portanto, estranha à sabedoria e ao poder de Deus, mas o poder daquele que dá a vida se manifesta na fraqueza, isto é, na carne” (Irineu de Lião, 1995, V, 3,3). E mais, afirma que

32

Estultos, completamente, os que rejeitam toda a economia de Deus, negam a salvação da carne, desprezam a sua regeneração, declarando ser ela incapaz de receber a incorruptibilidade. Mas se esta não se salva, então nem o Senhor nos resgatou no seu sangue, nem o cálice eucarístico é comunhão de seu sangue, nem o pão que partimos é a comunhão com seu corpo. Pois o sangue não pode brotar a não ser das veias, da carne e do resto da substância humana e é justamente por se ter tornado tudo isso que o Verbo de Deus nos remiu com seu sangue (Irineu de Lião, 1995, V, 2,2).

Santo Irineu defende que a verdadeira gnose, o verdadeiro conhecimento, é aquilo transmitido fielmente pelos apóstolos em conformidade com as Escrituras, com o Evangelho e, “mais importante, é o dom da caridade, mais precioso do que a gnose, mais glorioso do que a profecia, superior a todos os outros carismas” (Irineu de Lião, 1995, IV, 33,8). Assim, ele se coloca na linha da Primeira Carta de João ao mostrar que o verdadeiro conhecimento das coisas de Deus vem pela vivência, pela prática do amor, da caridade.

Apesar da crítica de Irineu e de tantos outros ao longo da história da Igreja, a tentação gnóstica permaneceu. De modos sutis, mais

matizados e disfarçados, as ideias gnósticas perpassaram a história da Igreja e ainda hoje aparecerem de novas formas. Uma delas é o espiritualismo disfarçado de espiritualidade. Uma busca por santidade que leva a querer fugir do mundo e das realidades gritantes da vida para se refugiar simplesmente na oração ou no estudo de doutrinas.

Na entranya de todo espiritualismo há uma aversão pela condição humana; um desespero que o impele a desertar a realidade do mundo (e a não muito longo prazo a realidade da Igreja) almejando outra condição... Mesmo que utilize estrategicamente a máscara da ortodoxia, na verdade ele é por essência gnóstico (Moro, 2016, p. 16).

O Papa Francisco denunciou, sobretudo na sua exortação sobre a santidade, o ressurgimento da heresia gnóstica em nossos dias, bem como de outra heresia que é o pelagianismo. Papa o papa, essas heresias são dois grandes inimigos à santidade. Se o gnosticismo defende uma salvação pela inteligência, pelo conhecimento de verdades e doutrinas; o pelagianismo defende a salvação apenas pela força da vontade humana, ignorando a graça de Deus e reduzindo o agir a meras ações exteriores e vazias. Francisco denuncia que os atuais gnósticos “concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada numa enciclopédia de abstrações. Ao desencarnar o mistério, em última análise preferem ‘um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo’” (GE 37). E quanto ao atual pelagianismo, o papa afirma que ele se traduz na “a obsessão pela lei, o fascínio de exibir conquistas sociais e políticas, a ostentação no cuidado da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, a vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, a atração pelas dinâmicas de autoajuda e realização autorreferencial” (GE 57). Tal atitude faz com que “a vida da Igreja transforma-se numa peça de museu ou numa propriedade de poucos” (GE 58). Assim, “complicamos o Evangelho e tornamo-nos escravos dum esquema que deixa poucas aberturas para que a graça atue” (GE 59). Já na *Evangelii Gaudium*, Francisco havia afirmado que o atual pelagianismo é próprio “de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado” (EG 94). Isso não é santidade, isso não é espiritualidade, isso não é fé. Antes, é a corrupção da

verdadeira religiosidade escondida atrás de doutrinas, rituais e costumes. Identificar a fé com doutrinas e defender que a salvação vem exclusivamente pela adesão a conhecimentos/verdades não é catolicismo, é gnosticismo. Defender que a salvação vem pela prática de certas normas e costumes, como se ela dependesse apenas da vontade do indivíduo não é catolicismo, é pelagianismo. Os ritos fazem parte da fé e esta se traduz em conteúdos fundamentais, mas não pode ser reduzida a eles. Sem assumir a ação da graça de Deus que nos leva a viver como Jesus viveu, amando como ele amou, não há fé de verdade.

Mas as distorções acima citadas, disfarçadas de fidelidade à Tradição da Igreja, penetram na cabeça dos fiéis, sobretudo por meio das mídias religiosas, e fazem grande estrago. Elas reforçam uma compreensão antiga de que a espiritualidade fosse algo voltado apenas para a vida interior das pessoas ou como fuga do mundo, das realidades cotidianas e, por isso, as pessoas mais santas, mais espirituais seriam as que tinham condições de se afastar dessas ações “mundanas”, “profanas”, como padres, freiras, monges etc. (Cf. Gutiérrez, 2000, p. 24-29). Inclusive, essa divisão da realidade entre sagrada e profana também é fruto dessa distorção do que seja espiritualidade.

Além do mais, também houve uma identificação entre espiritualidade e oração. De modo que uma manhã de oração ou um final de semana de retiro são chamados de momentos de espiritualidade, como se esta pudesse ser apenas um momento. Mas “a espiritualidade não se restringe aos aspectos chamados religiosos: a oração, o culto” (Gutiérrez, 2000, p. 109). Restringi-la desse jeito é transformá-la em espiritualismo, não traduzindo o que realmente é viver a fé.

Poder-se-ia pensar que damos glória a Deus só com o culto e a oração, ou apenas observando algumas normas éticas (é verdade que o primado pertence à relação com Deus), mas esquecemos que o critério de avaliação da nossa vida é, antes de mais nada, o que fizemos pelos outros. A oração é preciosa, se alimenta uma doação diária de amor. O nosso culto agrada a Deus, quando levamos lá os propósitos de viver com generosidade e quando deixamos que o dom lá recebido se manifeste na dedicação aos irmãos (GE 104).

Por isso, para enfrentar a crise de fé que passamos, tão ligada à permanente tentação gnóstica, só mesmo vivendo uma autêntica espiritualidade cristã. Esta é uma dimensão fundamental da vida humana e, portanto, só pode ser compreendida em relação com as demais dimensões (Cf. Aquino Júnior, 2014, p. 16-20). Está ligada ao Espírito de Deus. Trata-se de viver guiados por esse Espírito, viver segundo ele. Espiritualidade é a fé vivida, assumida no concreto da vida segundo o jeito de Deus. Na Bíblia, como podemos constatar, o Espírito nada tem a ver com o imaterial ou algo fora da realidade, mas com algo concreto, cotidiano. Tanto que as imagens bíblicas para falar do Espírito de Deus são fogo, vento, água, óleo etc. O Espírito, portanto, é sopro de vida, é dinamismo que move o povo rumo a vontade do Senhor (Cf. Aquino Júnior, 2014, p. 23-24).

Mas para ser cristã, essa vida segundo o Espírito tem que ter seu critério fundamental na vida de Jesus de Nazaré. Ele “era conduzido pelo Espírito” (Lc 4,1), “com o poder do Espírito” (Lc 4,14) Jesus caminhava. Ele anunciou que o Espírito o ungiu para sua grande missão que era anunciar o Evangelho aos pobres (Cf. Lc 4,18-19). Sobre o Espírito Santo que o Pai enviaria, Jesus disse aos seus discípulos: “vos recordará tudo o que eu vos disse” (Jo 14,26), pois “não falará por si mesmo, mas falará quanto ouviu e vos anunciará as coisas que estão por vir. Ele me glorificará, porque receberá do que é meu, e vos anunciará” (Jo 15,13.14). O Espírito Santo só pode ser assumido a partir da vida de Jesus. Espiritualidade, portanto, é deixar que o Espírito faça na nossa vida o que fez na vida de Jesus, é nos deixar guiar pelo Espírito como Jesus se deixou guiar.

35

Se o Espírito de Jesus se manifestou no modo concreto como ele viveu, só na medida em que o seguimos, isto é, em que vivemos como ele viveu, em que reproduzimos/atualizamos seu modo de vida (seguimento) podemos afirmar que vivemos segundo seu Espírito (espiritualidade)... De modo que espiritualidade cristã nada mais é que o seguimento a Jesus Cristo (Aquino Júnior, 2014, p. 37).

Só com essa correta compreensão e vivência do que é espiritualidade, este caminho de santidade cristã, que poderemos vencer a crise de fé tão grave que sempre afetou a Igreja: não viver o Evangelho. E se o critério da espiritualidade é a vida de Jesus, devemos fazer o que ele fez para nos deixar guiar pelo Espírito: Acolher os

excluídos, defender os pobres e oprimidos, rezar em comunhão com o Pai e com os irmãos, defender a fraternidade, perdoando e pedindo perdão, pregando um Deus justo e misericordioso, enfrentando a religiosidade alienada e alienante, partilhando em vez de acumular, respeitando todas as pessoas, sendo gentis e ternos.

Assim, a espiritualidade cristã, fundamentalmente, tem a ver com a relação com Deus (Pai/filho) e com os irmãos e irmãs (fraternidade). Para compreendermos melhor isso, Aquino Júnior (2014, p. 32-36) aponta sete dimensões/aspectos da espiritualidade cristã: 1. Ela diz respeito tanto à dimensão individual quanto à dimensão social; 2. Trata tanto da interioridade quanto da exterioridade; 3. Envolve sentimento e decisão; 4. Tem o momento de uma opção pessoal; 5. Tem a inteligência como um momento fundamental; 6. Está ligada à sua expressão simbólico-ritual-litúrgica; 7. E tem outro aspecto fundamental que é a centralidade dos pobres e oprimidos.

O grave problema da religiosidade “cristã” é que, na prática, ela é paradoxalmente pouco cristã, ou seja, tem pouco do jeito do Cristo. Parece que Jesus é só um nome bom para o marketing religioso. É famoso, pega bem, vende mais. Falar de Jesus atrai, convence, vende (ideias, produtos, posturas, atitudes). Mas muito do que se fala de Jesus não tem a ver com o que Jesus mesmo falou. Embora também seja verdade que Jesus está se tornando cada vez mais um pressuposto em nossas Igrejas, pois até seu nome vai aos poucos desaparecendo. Falase mais da Igreja que de Jesus, ou até fala-se do demônio do que do Mestre de Nazaré. A impressão que se dá é que Jesus demais, Evangelho demais, atrapalha. É bom usar o nome dele no começo para atrair, mas depois deve-se deixá-lo de lado. Repetimos, de outros modos, a postura do cardeal do poema de Dostoiévski *O grande inquisidor* (1880). Nele, Jesus volta a terra no século XVI na Espanha e é preso pela Igreja. Um cardeal de noventa anos o interroga na prisão e, com isso, expõe muitos pecados da própria Igreja: “Então, por que vieste nos perturbar? Pois Tu vieste nos perturbar, sabes muito bem disso... Nós lhes diremos que somos Teus discípulos e reinaremos em Teu nome. Vamos enganá-los novamente, pois não Te deixaremos aproximar-Te de nós” (Dostoiévski, 2019, p. 284/288).

Pregações, devoções, rituais, práticas levam tantas vezes a situações opostas as que Jesus desejava. Seu nome é usado para manipular as pessoas. Muitos se passam por discípulos de Jesus, mas não

permitem que Jesus realmente se aproxime deles. Seu nome é usado para atrair e manipular, não para formar autênticos discípulos seus. Parece que estamos caricaturizando, mas a realidade é sim muito grave. É verdade que existem muitas comunidades comprometidas com o projeto de Jesus e que, apesar de seus pecados e limitações, são expressão do Reino de Deus. Contudo, não é o que mais vemos. Precisamos viver a espiritualidade como seguimento a Jesus, caso contrário, não seremos de fato cristãos e cristãs, estaremos cada vez mais desacreditados e distantes da vontade de Deus. Seremos dignos daquela dura crítica de Jesus aos fariseus e escribas: “Ai de vós... hipócritas, que percorreis mar e terra para fazer um prosélito [convertido] e, quando o conseguis, o tornais duas vezes mais filho da Geena do que vós!” (Mt 23,15).

É preciso voltar a Jesus, é preciso assumir uma autêntica espiritualidade cristã. Nossas celebrações devem ser cada vez mais expressão do Reino de Deus: ressaltar mais os aspectos fundamentais da vida de Jesus (seu jeito amoroso e acolhedor); devem ser lugar de fraternidade e leveza, de festa e alegria, de dor e tristeza também, pois o mistério Pascal de Cristo, vida e morte, continua se dando hoje na vida do povo. Assim, tais liturgias também devem estar profundamente ligadas ao nosso chão, à nossa realidade. Nossas pregações, catequeses, formações precisam ajudar o povo a conhecer e assumir o jeito amoroso de Jesus. As verdades doutrinais são importantes, mas à medida que são apresentadas como formulações e desenvolvimento do Evangelho de Jesus, deixando claro que fé antes de ser adesão a conteúdos, é adesão a pessoa de Jesus, a sua vida, que se traduz em vivência concreta de amor. Pois como lembrou o papa Bento XVI: “Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DCE 1).

Nossas pastorais precisam ser pensadas a partir e em função do Reino de Deus, ou seja, do projeto de Jesus, não a partir de estruturas, prédios, eventos. Estruturas são importantes para organizar e fortalecer a evangelização; prédios ajudam na acolhida e constituição de espaços especiais para a missão; eventos são importantes para animar a caminhada; arrecadações são necessárias, pois a evangelização demanda recursos, mas... Em primeiro lugar deve vir o Reino de Deus e sua justiça (Cf. Mt 6,33). O resto vem em função do Reino. Caso

contrário, reduziremos nossa pastoral a atividades e não cumpriremos nossa missão que é ser sal da terra e luz do mundo (Cf. Mt 5,13-14), isto é, dar a esse mundo o sabor do Evangelho, espalhar o jeito de Jesus, iluminar tantas trevas de pecado (egoísmo, injustiça, dor) com a luz do Mestre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A fé sempre passou por crises e isso não é necessariamente ruim. Há crises que nos ajudam no processo de conversão. Mostram novos caminhos para sermos mais fiéis ao Evangelho. Contudo, há crises destruidoras e que demandam muita preocupação. Não há uma única crise. Cada período da história mostrou diferentes desafios para viver a fé ou, ao menos, diferentes expressões de antigas dificuldades. O que buscamos em nosso texto não foi menosprezar a perda do senso religioso em muitas regiões do mundo nem certas tendências que acabam por desvalorizar as grandes contribuições do cristianismo para a sociedade.

O que buscamos foi evidenciar a crise mais profunda e fundamental da fé que está por trás de todas as outras. Crise essa que existe desde o início da Igreja e perdura com diferentes facetas ao longo da história. Essa crise é a responsável, inclusive, por tantos males causados pela Igreja. Como apresentado, ela consiste na não vivência do Evangelho de Jesus. O testemunho de tantos santos e santas, de tantos bons seguidores e seguidoras de Jesus, trouxe tantos benefícios ao mundo. Contudo, o contratestemunho de quem usou o nome de Jesus e da Igreja para as maiores barbaridades também gerou o afastamento de muitos e a descredibilidade da comunidade cristã.

Não podemos brincar de ser seguidor, ser seguidora de Jesus. Ou somos fiéis ao Evangelho, assumindo o jeito amoroso do mestre de Nazaré, ou não temos fé de verdade. A pior falta de fé vemos hoje em posturas fascistas de tantos cristãos que destilam ódio, comemoram chacinas, defendem armamento, desprezam os pobres e são insensíveis as dores do povo. Aqui, onde o ódio reina, domina igualmente a descrença, ainda que se leve um terço na mão e louvores na boca. Onde o amor vence o ódio, onde a partilha vence o acúmulo, onde a fraternidade vence a dominação, aí a fé reina, aí o cristianismo existe, aí Jesus é adorado!

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA. **A Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 2023.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Nas periferias do mundo**: fé – Igreja – sociedade. São Paulo: Paulinas, 2017.
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Viver segundo o Espírito de Jesus Cristo: espiritualidade como seguimento. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Viver segundo o Espírito de Jesus Cristo**: espiritualidade como seguimento. São Paulo: Paulinas, 2014.
- BENTO XVI, Papa. **Deus caritas est**: carta encíclica sobre o amor cristão. Cidade do Vaticano, 2005. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 31 out. 2025.
- CONCLUSÕES da Conferência de Puebla. **Evangelização no presente e no futuro da América Latina (DP)**. 14. ed. São Paulo: Paulinas, 2009. (Coleção Sal da Terra).
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamázov**. Tradução de Herculano Villas-Boas. São Paulo: Martin Claret, 2019.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii gaudium**: exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.
- FRANCISCO, Papa. **Gaudete et exsultate**: exortação apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2018.
- FRANCISCO, Papa. **Homilia nas vésperas com bispos, sacerdotes, diáconos, consagrados, seminaristas e agentes da pastoral em viagem ao Canadá (28 jul. 2022)**. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 12 ago. 2022.
- FRANCISCO, Papa. **Visita à Igreja Evangélica Luterana de Roma (15 nov. 2015)**. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 4 dez. 2015.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Beber em seu próprio poço**: itinerário espiritual de um povo. Tradução de Yvone M. C. T. da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- IRINEU DE LIÃO, Santo. **Contra as heresias**: denúncia e refutação da falsa gnose. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística, v. 4).
- LEÃO XIV, Papa. **Dilexi te**: exortação apostólica sobre o amor para com os pobres. Cidade do Vaticano, 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 10 out. 2025.
- LIBANIO, João Batista. **Eu creio, nós cremos**: tratado da fé. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- LOSCHI, Marília. **Censo 2022**: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. Agência de Notícias IBGE, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br>. Acesso em: 5 ago. 2025.

MORO, U. V. **Padecer e saber.** Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 48, supl. 1, p. 13–17, jan./abr. 2016.

PAULO VI, Papa. **Evangelii nuntiandi:** exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Cidade do Vaticano, 1975. Disponível em: <https://www.vatican.va>. Acesso em: 5 ago. 2025.

RATZINGER, Joseph. **Introdução ao cristianismo:** preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. 2. ed. Tradução de Alfred J. Keller. São Paulo: Edições Loyola, 2006.